

QUINTA-FEIRA
Lisboa --17 de Março de 1932

Sempre
OS TÓPIS

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

304



sempre
fixe semanário
humorístico

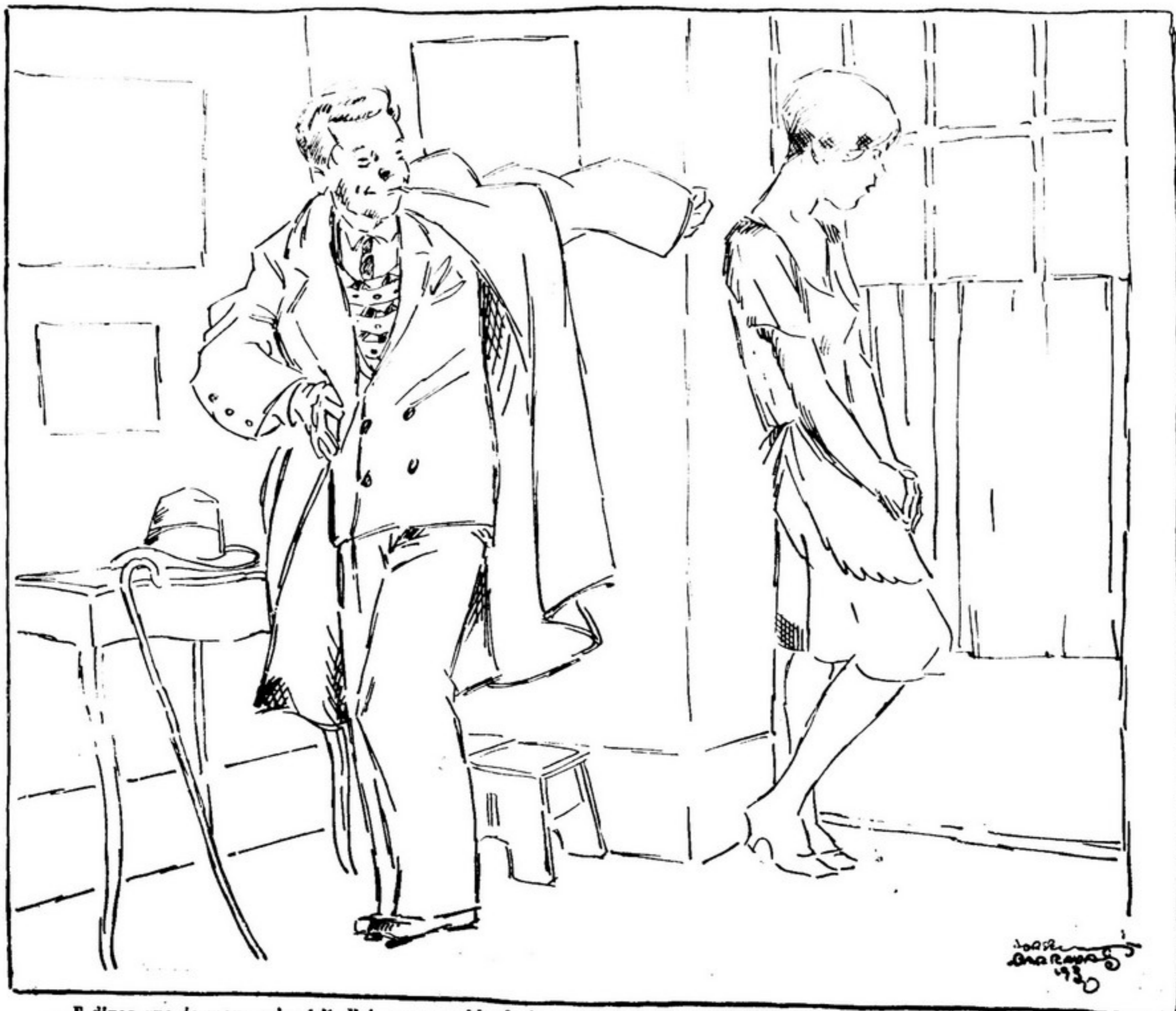
Propriedade
RENASÇENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDAÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57



OPINIÕES



— E dizes que és meu amigo! Pedí-te uma «saida de teatro» e trazes-me um camarote!
— Então, meu amor! Não achas preferível uma entrada, a uma saida?



Os ditos da semana



Recita de despedida

A recita de despedida dos estudantes de direito, na semana passada acabou a uma hora da noite.

Que vergonha para as casas de espectáculo onde as premiérs terminam alta madrugada!

Conta nos pessoa que assistiu, que tudo decorreu na melhor ordem, como se se tratasse dum espectáculo no Teatro Nacional, sob a batuta rigida do Comissario do Governo.

Mas então não houve ao menos vinho?

Noutros tempos, em Coimbra, as recitas de despedida, eram uma coisa séria, uma coisa perigosa — mil furos a cima de pandega rasgada, e meio furo a baixo dum terramoto. A Bairrada ficava sem vinho e as caves da Raposeira esgotavam os seus stoks. Até madamas graves e circunspectos, a quem a Academia começava por arrastar a aza, apanhavam o seu grão na dita.

Agora os tempos são outros.

Custa a compreender como naquele tempo, a Lusa Atenas era a melhor fabrica de conselheiros.

Casar morto

O «Diario de Noticias», com ares de quem dá um grande noticia, dizia-nos ha dias que, na Boa-hora se estava derimindo um curioso pleito.

O caso resumia se no seguinte: Uma senhora qualquer casara por procuração, com um noivo que estava no interior de Africa. Deu se porém, a coincidencia do noivo já ter morrido, á data do casamento. Não sabemos se o senhor morreu de susto, o facto é que morreu e a senhora casou portanto, em absoluta ignorancia, com um morto. E, já que tinha casado, habilitou se e herdou a fortuna do falecido, sem ter estado, como se costuma dizer, á espera de sapatos de defunto. Val-senão-quando, o Estado sabe da coisa e arma tambem em noivo do morto e chama a si a herança por

intermedio da Boa-hora.

Mas que tem o caso de extraordinario? Será aquela, porventura, a primeira senhora que casa com um morto? Nós temos a certeza de que não. Conhecemos outros casos, embora sob certas reservas. De mais a mais estando o noivo em Africa, que diabo de diferença fazia que estivesse morto ou vivo!

Finalmente Os beligerantes sino-japoneses chegaram finalmente a um entendimento. Estão já como se nunca se tivessem zangado,

em paz e ás moscas: em paz, os que não combatem; ás moscas os que já morreram e ainda não houve tempo de serem enterrados.

Mas já é uma grande coisa que se tenham entendido.

Agora estão sempre de accordo e falando precisamente no mesmo tom e na mesma linguagem.

Quando os japonezes fazem Pum! imediatamente os chinezes lhes respondem—Pum!

Se os japonezes replicam: — Pá-pá-pá, pá-tra-pá-pá, logo, os chinezes, abundando nas mesmas ideias, navegam nas mesmas aguas turvas concre-

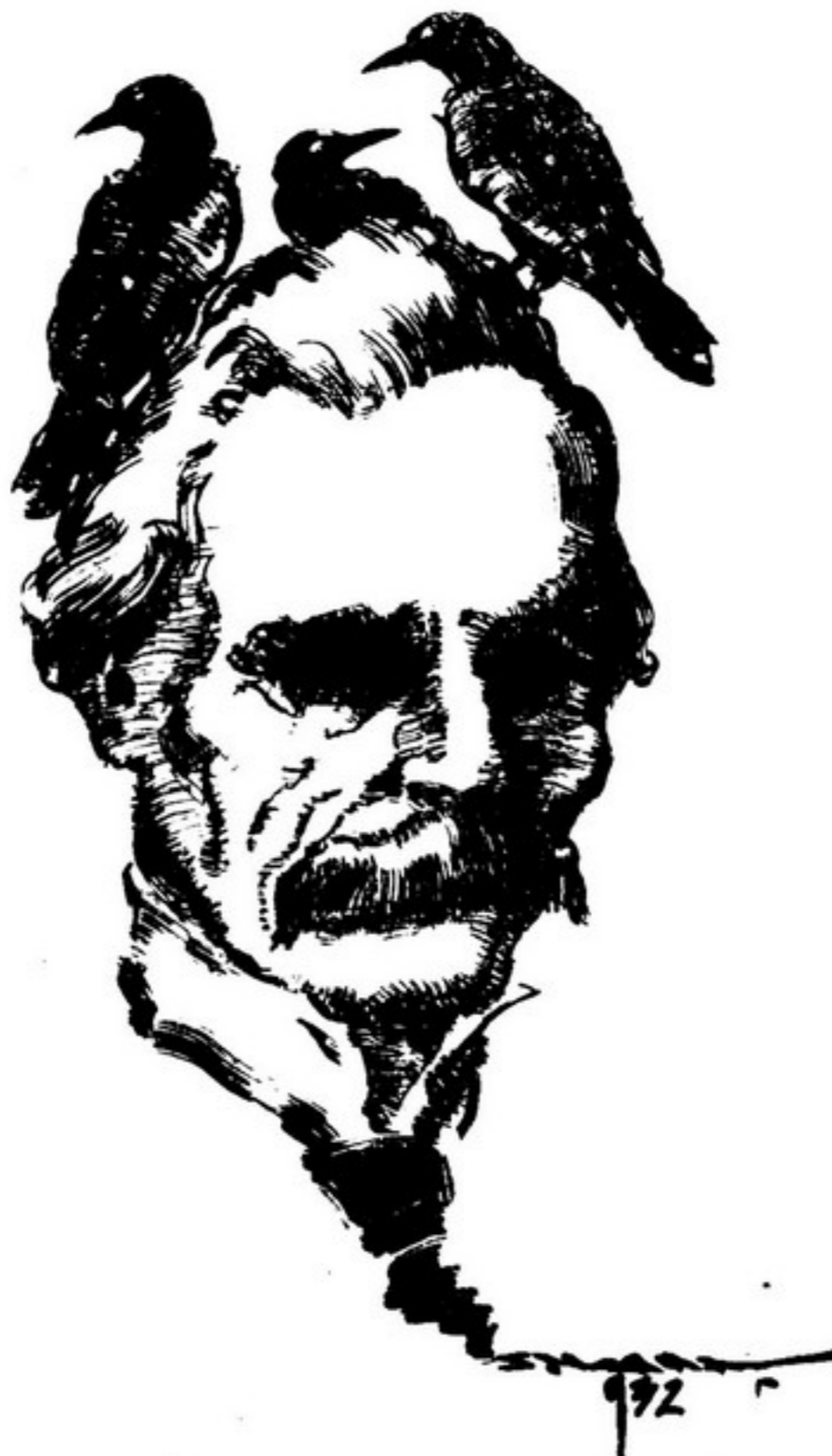
dam do lado de lá: — Pa-pá-pá-pá tra-pá-pá-pá.

É um gosto vê-los, tão de acôrdo! Tão de acôrdo que ambos querem o mesmo: dar bazanada uns nos outros.

Esta foi a obra maravilhosa, quasi sobrenatural da Sociedade das Nações.

Daqui a muitos anos, a historia narrará. Ai por 1932, chinezes e japonezes tiveram uma discussão um tanto agitada de que resultou, não a luz como é costume, mas alguma loiça partida. Nesse tempo, é claro, não será permitido, nem na historia, escrever a palavra «guerra», o que não quer dizer que escapem as terrinas.

CAMILO



Emquanto a neta agonisa com fome, os corvos vão-se alimentando do seu talento imortal.

Por Espanha

Por Espanha não vão bem as coisas para os operarios portugueses. Ultimamente da Galiza tem regressado muitos a quem ali se nega trabalho, ou são despedidos de obras onde ganhavam a sua vida, o que é peor.

Ha patriotas que aconselham a *revanche*, despachando se daqui, em grande velocidade, galegos que andam por aqui fazendo o mesmo que lá fazem os portugueses.

Não vale apena. Com as obras que vão abrir não tarda nada que haja trabalho para todos. Dinheiro já não falta.

Expediente

Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas.	Ano:	26\$00
	Semestre:	13\$00
	Trimestre:	6\$50
Colonias portuguesas.	Semestre:	15\$00
	Ano:	30\$00
Estrangeira.	Ano:	34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Anuncios Isto agora, é, por tabela.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

Brincadeira... a serio



— Estavamos a brincar á guerra da China e do Japão! Eu fazia a China. Depois vieram os outros, a fingir que eram a Sociedade das Nações, e puzeram-me assim!...

— No! Pero hay que agitarla un poquito...

quem melhor ajudava a missa!...

SEGUNDO os jornais, devem ir ao Brasil, brevemente, nada menos de cinco companhias:

Duas de revista
Duas de declamação
Uma de opereta.
Tanta concorrência!

Alguem tem que perder. Ou perdem todos: que no fim é o costume.

ANUNCIA-SE para muito breve a estreia de uma companhia genero policial.

Agora é que ela vem na altura. Está a representar-se o *Banqueiro-Burlão*.

E, para o *Banqueiro-Burlão*, o melhor é o genero policial...

A proposito da recente estreia no teatro, dum illustre senhora, que interpreta uma obra de seu marido houve já quem, num paralelo oportuno e gentil, lhes chamasse: a Yvonne Printemps e o Sacha Guitry portugueses.

O nosso Vasco Santana ficou um pouco cansado com a *Menina do Côro*. E recolheu a casa para tratar-se.

Não admira! Todas as noites era um côro de gargalhada. E era ele

UMA das peças da companhia Anelia Rey Colação-Robles Monteiro a estrear nesta temporada é a celebre *Danseuse Rouge*.

Deve fazer sucesso! O vermelho está muito na moda!...

NA Semana Santa vamos ter varias peças sobre a *Vida de Cristo*.

Continua o *Calvario do Nazareno!*

A companhia de operetas Armando de Vasconcelos vai reprisar, no Porto, a *Frasquita*.

Vamos lá ver se os portugueses se enfascam de boa musica!...

VAMOS ter, no Politeama, a reparação da celebre comedia *Dona Caracolinha*, que teve a sua epoca e a sua gloria aqui ha anos.

Apesar do tempo ter passado sobre ela — está na memoria! Nem sequer os «caracolinhos» se desmancharam!...

VOLTA, brevemente, á cena, no Nacional, o *Ciclone*.

E que *Ciclone!* Até faz medo!...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS

Modo de dizer...



— Escapou-lhe algum degrau...?
— Não senhora; bati em todos...

MAIS um original português... Paciencia...

Isto de originaes portugueses tem ás vezes as suas dificuldades. E depois, ou bem que é *original português*, ou bem que é *Estrangeirinha*...

AVISO aos incautos.

Ha tempos houve uma historia dum automovel em que andaram metidas duas actrizes.

Malevolamente, apontou-se como sendo uma das heroínas do facto a nossa Beatriz Costa.

Pois alguém, um desses senhoritos que pululam pelas esquinas, quando a Beatriz passava, dirigiu-lhe uma graça sobre o caso.

Não foi nada.

A Beatriz deu-lhe um soco de tal ordem que o senhorito viu as estrelas — isto é, viu a Beatriz três vezes.

Portanto... cuidado com a Beatriz Costa.

Aí fica o aviso.

O maestro Burrié foi, ao que dizem, promovido a cochicho. Não é nada. Canta de cochicho.

ENTROU já em ensaios, no tea-

tro da Trindade, o novo original português *O Estandarte*.

Vamos a ver o que será, depois de pronto.

Será o desfaldar ou o bandeira?

UMA pergunta. Quem souber pode responder.

Porque é que chamam a certo empresario o Gandhi do teatro?

PEDIU uma licença ilimitada, sem vencimentos, como empresario, o sr. Mauricio de Oliveira.

UMA que não é bem de teatro, mas que tem espirito.

No Coliseu dos Recreios, durante o campeonato de dança. Um dos concorrentes, um espanhol, a certa altura agarra a sua dama, eleva-a ao ar, volta-a do avesso e começa a sacudi-la.

Intrigados, alguns espectadores, julgando tratar-se de algum acidente, perguntam-lhe se a senhora está doente. Resposta do espanhol:



Ele: — É preciso que nos reconciliemos. Não vejo razão para estarmos zangados.

Ela: — Porquê, precisas que te cosa algum botão?

Graça dos outros

A criada: — Sempre que entro na cozinha, encontro-a sem fazer nada!

A criada: — Desculpe! É que nunca sinto quando a senhora entra...

Entre amigas:

— Porque te zangaste com o teu inglês?

— Porque me dava presentes em libras — que é uma moeda desvalorizada...

Na rua:

O ladrão para o casal: — A bolsa ou a vida!

Ele para ela: — Sacrifica-te, querida! Tu és a minha vida!...

A patroa: — Você mexeu no barômetro?

A criada: — Sim, minha senhora! Como hoje vou sair, puz-lo no bom tempo!...

Na rua:

O alarmado: — Este cão está raivoso?

O dono: — Sim, senhor! Foi mordido esta manhã por minha mulher!...

A hora de jantar:

A dona da pensão: — Iniciei na minha casa uma campanha contra as moscas!

O hospede: — Admirável! Mas não compreendo porque ha de ser a sopa o único meio de acabar com elas!...

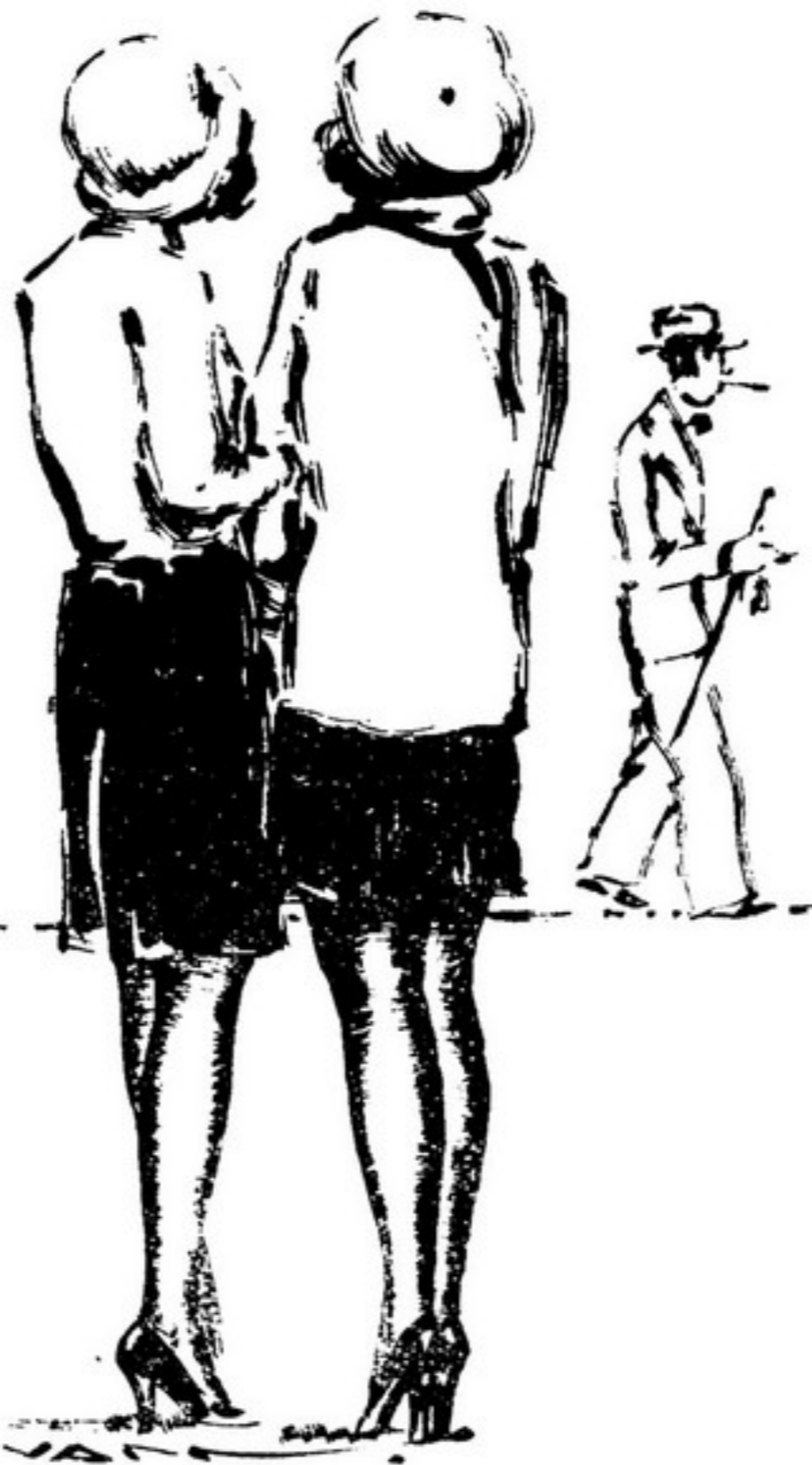
Objectos perdidos:

— Tenho que elogiar a sua honradez trazendo-me o guarda-chuva que perdi. Não é novo, mas podia tê-lo vendido! Sempre lhe davam alguns escudos!

— Não me elogie! Já fui a cinco casas de penhores — e nada!...



— Quem dirá que sou casada e que o meu marido é o próprio a dar-me ocasião de o enganar?



— Dizem que tem tanto de rico como de parvo.
— Então deve ser pobre de rico!

Um meio infalível

Por mais carinhos que lhe fizesse, por mais mimos que lhe proporcionasse, Acácio Pisaflores, de dia para dia, ia notando que Elisa, a sua cara-metade, se afastava cada vez mais dele. Porque era aquilo? Qual a razão daquela indiferença?

Ora Elisa era nova, elegante e bastante formosa; e Acácio, nem era novo, nem distinto, nem inteligente.

Em boa verdade, isto devia ser o suficiente para que ele encontrasse a razão dessa indiferença. Mas tal não acontecia, visto que, como já foi dito, Acácio não possuía a mais pequena parcela de inteligência.

Um belo dia, dispôs-se a desvendar a causa daquele afastamento, e foi consultar uma cartomante, que era especialista em assuntos amorosos, sobre os quais dava os mais eficazes conselhos.

A cartomante, ao receber o consultante, observou-o com um rápido e perspicaz golpe de vista, e sorriu.

— Sei já do que se trata. Sua mulher mostra-se indiferente para consigo, não é assim?

— Exactamente.

— Pois naturalmente. O senhor precisa de fazer-se amar por ela, e é isso que não tem feito.

— Mas eu dou-lhe mimos, compro-lhe presentes, satisfaço-lhe todos os caprichos...

— Isso não é o bastante. Porque não lhe provoca ciúmes?

— Sim... talvez... mas com quem ha de ser?

— O senhor não tem nenhuma criada?

— Tenho. Uma rapariga morena, olhos negros, uns vinte anos tentadores.

— Pois esse é o único meio infalível.

Pisaflores saiu do consultório da cartomante satisfeito e disposto a pôr em pratica o plano, e assim que chegou a casa chamou pela criada:

— Amelia!

— Pronto! O patrão chamou?

— Chamei, sim. Queres ganhar 100\$00?

A morena alegrou-se e perguntou-lhe:

— O que é preciso fazer?

— Ajudares-me num plano. Quero que minha mulher tenha ciúmes de ti.

— Que se mostre ciumenta por minha causa?

— Claro. Com essa carinha e esses olhos, não te será difícil.

— Farei toda a diligencia.

Acácio não esperou muito tempo. Ao cabo de quatro dias, quando voltava da repartição, foi encontrar a esposa toda lavada em lagrimas e presa duma grande crise nervosa.

Aproximou-se dela e, com meiguices ia para beijá-la. Ela, porém, dando-lhe um encontrão brusco, atirou-lhe á cara:

— Vai-te embora daqui! Não sejas imbecil!

Entre atordoado e satisfeito, Acácio saiu da saleta com um sorriso triunfante, pensando de si para si que Amelia havia conseguido o que desejava, e que por consequencia a indiferença de sua esposa terminaria em bem.

Foi de ante pé á cozinha, onde a criada cantava a canção do *Burrie*.

— Ainda bem que o senhor chegou!

— Já sei que a coisa deu resultado.

— Se deu! Até fui despedida. Deve-me, portanto, os 100\$00 prometidos e mais 200\$00 de dois meses de ordenado.

— Pois sim: Mas como foi isso?

— O senhor não me disse que fizesse para que a senhora tivesse ciúmes de mim?

— Desei, sim. Mas que meio empregaste?

— O único o infalível. Fiz com que a sua senhora me surpreendesse, no escritório, nos braços do seu primo Renato.

E. M.

Um sonho africano

Mordido por crispações, sonhei, esta noite, com a requebrada e convulsiva Josephina Backer. E que linda, na sua negrura, me apareceu, em completa nudez, aos meus olhos libidinosos.

Ela a deusa do Charleston e do black-bottom viria a Lisboa, acompanhada da sua rival Florence Mills, outra vestal do Yalc-blue, do Dirty-dig e do Kinkajou. Contratara-as o ousado e non-plus-ultra empresario do Coliseu, sr. Ricardo Covões.

Vi o circo transformado num monumental dancing. Ali tudo dançava minha gente: homens e mulheres de cor bronzada, brancas de ceta, morenas, vermelhas, loiras e pretas. Atxum!

O showmy des, errou-me a accção. Agarrei-me a Josefina Catinga — perdão, Backer — e vá do dar á perna, durante vinte e quatro horas inintermittas.

Fômos uns heróis: eu e ela, 24 horas seguidas nesta altura de crise!...

A calipygia Josefina, atirando bolas com os olhos, revolvendo as espáduas como rodas de maculina na carne, sacudindo as mãos, remando no ar, nadando no ar, dando pontapés e provando á saciedade que as ancas existem (estilo dantesco do Eterno Feminino), executou a suprema dança aerobática com a minha apagaada e branca pessoa. Fez deitar os espectadores. Houve até um militar que matou uma creanca acabada de sair á luz, dado o seu grande entusiasmo pelas danças de Kanguará.

Não houve procedimento porque a creanca sumira-se no éter...

E eu, na furia do movimento das ancas josefinicas caíra de joelhos.

Estrugiram palmas; silvaram es-sobies — e houve menina que caiu desmaiada... pela dança do ventre.

Mas eu, sempre herói, nascido no reinado do jazz-band, puz-me imediatamente em pé, mordi a boca fresca e expressiva da Josefina — ah! negra! — e toca de dar dois dias voltas á sala.

Ganhara o premio — e o sapateiro tambem. Apoteose. Fui levado aos ombros das mulheres até á enfermaria, onde me deram uma injeccão de óleo de fígado de bacalhau, para readquirir forças...

Acordei sobressaltado. Dou um pulo da cama — e quem hei de vêr, de cócoras, rebolando-se com o doutor? — Um enfermeiro, de cor, acabava de dar-me uma fricção de salicilato de metilo numa rótula para atenuar as dores reumaticas.

O enfermeiro, como eu sonhara alto, contagiou-se com a musica do jazz e vá de bailar á russa á roda do vazo!

IVINHO.



— As raparigas de hoje já não querem casar.

— Como é que sabes isso?

— Porque lhes tenho perguntado...

Chá das... seis

Corria branda a tarde de ontem quando recebi a tua carta, que veio inundar meus olhos, cheios de miopia por ti. Trásbordel de alegria, como o rio Douro trásbor-da no inverno. Vela a noite. Silencio. Solidão sombria, com lai-vos de quimeras vagabundas. Vol-tei a lêr a tua carta. Meditei imen-so sobre o teu pedido e resolvi, — tu, que és boa, perdoarás — não o satisfazer. Não, «Nos lábios... não!» Eu embirro com o Royal e lembro-me de que o primeiro beijo, pelo que ainda se vê, deve ter sido uma dentada. Recorda-te, meu amôr, que com a primeira pi-roga nasceu o primeiro amôr, tão puro, tão immaculado como o meu e não como o dos outros, todo «emaranhado», todo «debrado».

Mantem a tua: que sou um des-trambelhado, um futurista ou uma vítima do fluxo catamenial. Como te enganar, minha amendoeira em flor, meu doce Algarve. Às vezes, de facto, não sou coerente, porque o coerente não tem plasticidade nem *clarté*; não pode sair das pres-tas do cérebro nem dos ângulos da alma.

Quero eu dizer, con. isto, que o meu amôr, ou por outra, a impul-são sexual específica, é o ele-mento essencial e primário da pla-tefe porque ele só é capaz de atin-gir um fim — o teu amôr!

O amôr é uma adesão, sem ser um adesivo ao que vive. Por isso, minha querida, só os mortos não amam. O amôr é a superabundan-ça da alma; é a força da gravi-dade. O amôr, com seus egares das podridões imundas aneia pela claridade, pela luz do dia, e não pelas trevas algidas, silentes de côr macabra de visões elementes, da côr sem côr da minha própria côr.

Não te rias. Ha sombras a bal-lar num destrambelho, as quais re-florescem em ansiedades loucas. Serei tudo o que tu quizeres, meu bem. Por teu amôr, eu tudo sofre-rei. Não deixes de escrever ao teu

RIO QUIN.



— Não me diga que não! Estou como louco!
— Pois é exactamente por isso que eu não quero...

LITERATURA



— Afinal este Eça de Queiroz não nos traz nada de novo.

O óculo do marido

Já já passante dos sessenta, qu-asi a tocar no fim da dezena, quan-do Euzébio resolveu casar. Tinha para isso recursos suficientes, gan-hos honestamente a emprestar a juros o que um tio merceeiro lhe tinha deixado de capital, e estava na idade em que um ho-mem começa, se é celibatário, a sentir o peso da solidão.

Mas Euzébio tinha uma paixão: a paixão do sport. Não sabia nadar, nem jogar o *fool-ball*, nem esgrimir, nem correr, nem caçar, nem lançar o disco, nem jogar o *tennis*, nem andar a cavalo — na-da, pela palavra nada. Mas assistia a todos os concursos hipicos, a todos os torneios de espada, a todos os desafios de *football*, a todos os *matches* de *tennis*, etc. E foi nessas reuniões desportivas, que tanto contribuem para o desenvolvimento da raça, que Euzébio encontrou um dia, muitos dias se-guidos, aquela que depois veio a ser sua mulher.

Irene era uma linda rapariga de vinte anos, esbelta e loira, com o corpo harmonioso, as formas pro-portionadas — quasi gregas — duma rapariga que pratica quasi todos os de-sportos. Ela nadava, ela caval-gava, ela patinava, ela jogava ao *tennis*, ela atirava aos pombos e aos patos, enfim, era uma dis-tintíssima *sportswoman*. Só não sabia andar a cavalo, nem costurar, nem governar a casa; o resto sa-bia tudo. Mas Euzébio era rico, e podia muito bem ter em sua casa as criadas precisas para que sua mulher continuasse a fazer des-porto sem que o bispo entrasse na sopa...

E casaram. E parece que eram felizes. Mas Euzébio era ciumento como Otelo. Irene fazia-se acompa-nhar, para toda a parte para onde ia, por uma verdadeira corte de mancebos, mais ou menos des-portivos, uns que admiravam nela a jogadora de *tennis*, outros a na-dadora, outros a patinadora, ou-tros a cavaleira, etc. Entre tan-tos porém, destacava-se um, mais homem e menos mancebo, muito dado também á natação, mas que admirava sobretudo os encantos de Irene como mulher, e que, por isso, quando lhe apreciava a be-leza do corpo juvenil e fresco, a via sempre deitada... mas não só-bre as vagas...

No verão, foram para uma praia. Como o Raul também era dado a desportos nauticos, Irene lembrou-lhe que seria interessante passa-rem as férias na mesma praia, a fim de todos os dias se treina-rem no remo e na natação. Euzé-bio, posto ao corrente do facto

pela propria mulher, não se assus-tou com a perspectiva. Se ele a não largava nunca... Se ele a não deixava sosinha nunca... E' ver-dade que Irene e Raul nadavam, e Euzébio ficava em terra; mas nem assim ele podia pôr o pé em ramo verde, mesmo sobre as sal-sas ondas, porque Euzébio tinha o cuidado de levar para a praia um oculo de longo alcance, pelo qual seguia com a maior curiosidade as evoluções dos dois nadadores.

Ora, um belo dia, nadando os dois até mais longe, pelo Oceano fora, Irene e Raul descobriram um rochedo plano, liso, que só na maré baixa imergia, e sobre o qual podiam tranquilamente descansar das fadigas da viagem até ali e recuperar as forças para o re-gresso. E foi ali, sobre aquele ro-chedo, quasi ignorado, que Raul um dia, excitado pelo perfume marinho de Irene, pela beleza do seu corpo ali estendido ao sol, num abandono provocante, e abusando do isolamento em que se encon-travam, começou a tatear, a apal-par o tecido de que era feito o *maillot* de Irene.

— Tenha juizo — disse-lhe ela, sentando-se subitamente. — Não sabe que meu marido setá na praia, a vê-nos pelo oculo?

Se ao menos o rochedo tivesse uma gruta, um esconderijo qual-quer onde eles pudessem escapar ao oculo de Euzébio. — pensava Raul. Mas não. O maldito rochedo era liso e chato como a prosa dum academico. E assim, o pobre rap-paz não teve outro remedio senão guardar para melhor oportunidade a satisfação dos seus mais se-cretos e ardentes desejos.

Já Raul não pensava na con-quista de Irene, tantas e tantas dificuldades encontrava no seu caminho, quando uma bela ma-nhã, ao chegarem ao rochedo (on-de continuavam a ir diariamente, em treino para um proximo con-curso de natação), foi Irene a pri-meira a chegar-se muito para ele, estendendo-se tão perto, tão perto dele, que só a espessura dos *mail-lots* os separava. E como ele es-tranhasse tanta generosidade de-pois de tantos dias de jejum e a olhasse surpreendido embora a sua boca estivesse já apenas a um milimetro dos lábios de Irene, foi ela que lhe explicou o misterio da sur subita transformação:

— Não tenhas receio, Raul... Estás a pensar no oculo, não é? Pois bem... Vendí-o a um ferro-velho!

... E o que tinha de ser, foi. Pela adaptação, MYSELF.



— Já voltaste de fora?
— Já, sim. Desconfiei de alguma partida de meu marido. Ele man-dou-me desta vez todo o dinheiro que lhe pedi, razão porque achei melhor vir o mais depressa possi-vel...

Elevador da Gloria

Ela: — Não duvides do meu amor... Adoro-te!
Ele: — Estão duvido do teu bom gosto. Como podes gostar duma mulher que só tem um vestido?...

Depois da consulta:
O medico: — E' preciso tomar-lhe a temperatura, pela manhã e á noite!
A mulher do enfermo: — Muito bem. Mas como a temperatura ao sol ou á sombra?

— Aquele que acollá vai mata moscas a tiro.
— Mas que pontaria!
— Não é nada para se admirar. Carrega os cartuchos com pós insecticidas...

— Não tenho medo de nada. Uma vez, um tigre veio direito a mim e não me mexi.
— E não o devorou?
— Não, porque era no cinema!

O livreiro ambulante: — Este li-vro tem tudo quanto quizer sa-ber!

O outro: — Não preciso! Minha mulher diz-me tudo isso e muito mais!...

O petiz: — Dá-me uns açotes, mamã!

A mãe: — Porquê?
O petiz: — Porque vou roubar uns ladrilhos de marmelada e, se me bates depois, sabem-me mal!...

A patroa: — Vá á livraria e com-pre-m um livro intitulado *Para ser forte e bonito*.

A criada: — Vou já, minha se-nhora! Vejo que é urgente!...



Só desarmam quando virem duas botijas!

Cacharolete

Tem sido muito conhecido o rapto misterioso do filho de Lindbergh, o aviador famoso que, com serena bravura em dois aeroplanos, atravessou continentes, lagos, mares e oceanos.

Na civilizada America, o rapto é coisa corrente, e, no entanto, este agora impressionou toda a gente, não pelo pobre bebé, de poucas meses ainda, mas p'la figura do pai, p'la sua carreira linda.

Como esse tal Al Capone, até os proprios bandidos, em frente á proeza vil, se mostraram comovidos, e hoje a America é cruzada por automoveis, aviões, em busca da creancinha que levariam os ladrões.

E, por mais que eles rebusquem, não houve ainda maneira de se encontrar o bebé que interessa a America inteira. A solução para o caso estava nisto, com certeza: mandar buscar um agente da policia da Inglaterra.

O HOMEM DOS TIMBALES.

Foi no Brasil, povo irmão, p'la lingua e p'lo coração, que tão grande se tornou, foi na terra do Lampião que o velho Timbalão se passou.

A sardinha apetitosa, tão querida, tão gostosa, que alegra a mesa mais triste, é comida laboriosa que no Brasil não existe.

Num colégio, um rapazola, um cabeça mariola, foi chamado a responder. E pergunta o mestre-escola: — Sardinha é o que vem a ser?

E o rapaz, atrapalhado, após pensar um bocadinho e dar mil voltas á pinha, lá se sentiu inspirado e definiu a sardinha:

— A sardinha é uma peixinho sem cabeça, tão lindinho, que não ha quem o rejeite, e que vive escondidinho numo latinha de azeite!

PATO MARRECO.

Da paçada no marido e encontra-se á quarta-feira com um *pijo* caixeirote; almoçam juntos na «Marques», e á tarde, no Campo Grande, alugam, p'ros dois, um bote.

Ela em geral vem de róxo, romanticamente grave, desdenhosa — e bem pintada; mas quando fala, meu Deus!, ha duzias de gafanhotos nessa boca desdentada.

Não bebe vinho nem chá. Prefere acima de tudo um copo de capilé. Tem *sardas* e tem borbulhas e uma casa de chinelos na rua de S. Jose.

Em arte — adora o Barradas, desde que este se mostrou *grande pintor africano*. E para ela não ha actriz como a Ester Leone e poeta como o Elmano.

Fala d'amór como quem renuncia firmemente a tudo que dele venha. Mas é trêta, porque a *típa* não engana quem fôr gajo! Vé-se que gosta... — E *apanha*...

LUIZ ILARIO.

Sortes grandes ?

só o PINA se vende

75 — Rua de S. Paulo — 77



— O patrão diz que a carta ia cheia de erros ortograficos; não se lembra de que as maquinas não são infalíveis..

Felizardo, pé de chumbo

Quando o meu amigo Felizardo, contra todas as prerogativas do seu nome, não tinha sorte nenhuma, sempre ao Deus dará, sem um arzinho que lhe desse um pouco de ventura, a familia resolveu o que nesse tempo era solução da nossa gente: mandou-o para terras de Santa Cruz, a procurar na arvore das patacas, hoje mirrada e sem folhas, a solução para o seu problema.

O rapaz, que aqui para nós não era *trouxa* nenhum, valendo-se de algumas recomendações que levou, teve um pouco de sorte, quebrou o encanto do seu azar, que já lhe chegava ao amago, valha a verdade.

Negociante de seco, e molhados, por junto e a retalho, em breve se tornou uma das pessoas que na colonia portuguesa marcaram o seu lugar com destaque.

De progresso em progresso, foi amealhando uns cobres muito regulares, e, se bem que não fosse o rei do café ou do acajú, o certo é que parecia um rei pequeno ao meio da vizinhança.

O Felizardo dava-se bem naquelas terras, com a sorte a sorrir-lhe e o negocio cada vez a tomar melhor incremento. Porém, como bom portuguezinho que era, embirrava solenemente quando o alcunhavam de *galego*, que é o *sobriquet* applicado desde ha muito aos emigrantes nossos patricios. Raro era o dia em que não se envolvia num barulho, cioso da sua naturalidade e do bom nome da sua terra.

Tanto assim que, já cheio de tanto se incomodar, decidiu regressar a Portugal.

Por aqui se conservou longo tempo, nunca sem deixar de acompanhar o seu negocio das bandas d'él, e outros em que se metera, entre os quais uma grande fabrica em Bilbao, de sociedade com outros.

Ora, uma vez na sua terra, o

Felizardo sentiu uma grande decepção quando pressentiu que aquella gente que mais de perto com ele lidava o alcunhava, a sucapa, de *brasileiro*.

— Co'ra bréca! — dizia ele a cada passo. — E' de uma pessoa dar sorte. Vão lá perceber esta gente! No Brasil chamam-me *galego*; aqui em Portugal chamam-me *brasileiro*. Decididamente está tudo doído.

A vida do Felizardo, agora, era a vida autentica dum felizardo, na aceção magestosa do termo. Nada lhe faltava, graças á boa estrela que o acompanhou desde um dia, sem jamais o abandonar. A parte estes despostos de caracter moral, tudo lhe corria no melhor dos mundos.

Um dia, o nosso homem resolveu dar um passeio a terras de Espanha e, aproveitando o ensejo, foi visitar a fabrica de que era socio e quiz ver, bem de perto, todo aquelle movimento, em resultado do qual recebia uns belos cobres no fim de cada ano. Foi recebido pelo conselho de administração com extremo carinho, e até se fez uma festa intima, aonde ele foi bastante elogiado por ser um homem activo e trabalhador. Os operarios, então, reuniram-se para o aclamar e os jornais da terra fizeram referencia especial ao acontecimento, dedicando-lhe algumas colunas de prosa succulenta.

E o Felizardo, ao lér «que um portuguez não tivera pejo de juntar seus capitais a capitais estrangeiros para complemento de uma grande obra» (*textual*) não pôde suportar uma exclamação de contentamento e esse definiu bem todo o seu estado de alma:

— Ora até que emfim. Foi necessario vir a Espanha para saberm qual é a minha verdadeira nacionalidade!

MAXIM.

Noticias do dia

O conflito sino-japonez

Finalmente, a paz

KANGAI, 15. — Ficou finalmente resolvido o conflito sino-japonês, tendo o Japão aceitado com jubilo as bases para a paz, terminando assim a guerra. As tropas japonesas, para comemorar a paz, bombardearam as posições chinesas. — (*Especial*).

O recuo de vinte quilometros

KANGAI, 15. — Conforme o estipulado nos tratados de paz, ficou resolvido que a China e o Japão recuem vinte quilometros com as suas tropas. A China procedeu já ao recuo das suas tropas. O Japão não o fez, ocupando os vinte quilometros que os chineses abandonaram. — (*United Press*).

A independencia da Mandchuria

MUKDEN, 15. — Foi proclamada oficialmente, esta manhã, a independencia do Estado Novo da Mandchuria. O Japão declarou respeitar o novo Estado, tendo reforçado as tropas japonesas que estão em Mukden e nomeado «accessores» japoneses junto dos serviços officiaes mandchurianos. — (*Favas*).

Os antepassados japonezes

TOQUIO, 16. — Descobriu-se que os *samurais*, descendentes dos antepassados japoneses e que pretendem a guerra com a China, são descendentes do grande guerreiro portuguez Sá Morais, que foi marinheiro do primeiro navio português que foi ao Japão. — (*Especial*).

Na Sociedade das Nações

GENEVA, 16. — A Sociedade das Nações tem recebido inumeros telegramas de felicitações pela acção desenvolvida para a solução do conflito sino-japonês. No proximo domingo, realiza esta collectividade uma grandiosa *soirée* dançante para comemorar o feito, que será abrilhantado pela Banda Harmonia Paz e União. — (*United Press*).

Na concessão internacional

KANGAI, 15. — (*Concessão internacional*). — Voltou a tranquillidade. O commercio faz-se normalmente, estando abertos todos os estabelecimentos e Bancos. As tropas japonesas acantonadas na concessão tomarão posições no sentido de voltar a bombardear a região de Cha-pei, para assim consolidar definitivamente a paz. — (*Favas*).

Manifestações de regosijo

CANTAO, 16. — O Governo do centro-sueste-este da China avisou-se com o ministro do Japão, tendo este reiterado os protestos de paz do governo japonês, salientando a velha amizade de raças que rege entre os dois povos irmãos e declarando mais ainda que o Japão apenas pretendia, com o envio de tropas para a China, o extermínio desta nação. As palavras do ministro do Japão calaram muito bem no animo de todos os chineses, tendo estes, em sinal de regosijo, assaltado o consulado japonês e os principais estabelecimentos desta cidade. — (*Especial*).

O general Má

MUKDEN, 16. — Ao contrario do que se noticiou, não foi ainda assassinado o general Má-Chan-Tchan. — (*Favas*).

Da Russia

VLADIVOSTOCK, 16. — Para evitar que dois bandidos russos atravessassem a fronteira e se refugiassem na Mandchuria, a Russia mandou reforçar as suas fronteiras, tendo feito uma concentração de 90.000 soldados nesta cidade e declarando-se neutra perante o conflito sino-japonês. — (*United Press*).

Secção Mundial

DESSPORTOS

O campeonato de dança

Partidas e chegadas

Queixou-se á policia a ex.ma sr.a D. Maria Furtado, de que uns garotos da sua rua lhe fizeram uma partida. Interrogada no Governo Civil, recusou-se porêm a declarar o genero da partida, pelo que foi enviada em liberdade.

Partiu a cara a sogra o nosso amigo E. Valente Brutinho.

Chegou do Porto, na segunda-feira, em 3.ª classe, Mello Bobó Marques. Tem sido muito comentado o facto duma mulher de 1.ª classe, de 2.ª e 3.ª classe em 3.ª.

Calaverças

Em 26 de agosto de 1932 era D. Elco Silvestre, natural de Lisboa, de 39 anos de idade, esposa do nosso amigo João Silvestre.

Pede-nos a sr.a D. Carlota Costa para não dizermos nestas columnas que faz hoje 57 anos, pelo motivo de se encontrar ainda muito bem conservada. Em virtude desse pedido, resolvemos não dar a referida noticia, apesar de sabermos que em 1932 a sr.a Carlota...

Amor e guerra

Em 1932, a sr.a Carlota Costa, casada com o sr. D. Elco Silvestre, teve um filho, o sr. D. Elco Silvestre, Jr. Este menino nasceu com uma pedrada num olho, por uma pedrada que lhe foi lançada na sua mãe, a sr.a Carlota, por um amigo da família, o sr. D. Elco Silvestre, Sr. Este facto foi muito comentado na sociedade, e a sr.a Carlota ficou muito conhecida pela assistencia elementar que teve ao seu filho.

Mi-Carême

Não é a grande coisa o baile de mi-carême em casa de M. Me-quita. Alguns convidados retiraram-se bastante aborrecidos, declarando que já naquela residência amariam um pinhão muito superior.

Marcinheiros

Não tem havido muitos nos ultimos dias. A distinta parteira D. Balbina Silva está resolvida a protestar contra o facto junto das Polencias, esperando conseguir um resultado satisfatorio.

Laptizados

Na conhecida taberna do "Que-thas", deu-se ontem um gravissimo incidente por se averiguar que o vinho tinha sido baptizado duas vezes. Para o facto chamamos a atenção da Sociedade Protectora dos Animais.

Casamentos

Continua sem noivo a gentil Melle Candida Pina, pelo que recebe prepostas todos os dias, das 3 as 6. Não aceita intermediarias, estando porêm disposta a aceitar, a titulo de experiencia, casamentos provisorios por cinco dias, a partir da chegada dos ingleses, que, como se sabe, chegaram ha dias no porta-aviões Courageous.

Sporting - Benfica

Quasi uma vintena de milhares de pessoas se deslocou, no domingo, ás Amoreiras.

Para quê? Para protestar contra a carestia da vida? Longe disso... Para ver um encontro da bola!! Para ver vinte e dois jogadores aos pontapés num bolido de couro, algumas vezes, e aos pontapés uns nos outros, a maior parte do tempo!

A pessoa que escreve estas linhas não é da bola. Lagarto! Lagarto! Nunca, mesmo, tinha assistido a um jogo.

Informado, porém, de que se tratava duma apresentação desportiva com todas as garantias, resolveu a pessoa não deixar de observar um espectáculo que está, provavelmente, sendo assistido pela maior parte da população de Lisboa.

Então, chegou o dia da partida de futebol, e a pessoa foi a campo com as pernas a moer. Um jogador de vermelho, e outro, de azul, verde e branco. Cada um escolheu uma meta de terreno, e um canhão, e o jogo começou. Os jogadores de vermelho, de azul, verde e branco, começaram a jogar. O jogo foi muito interessante, e a pessoa ficou muito satisfeita.

Os jogadores de vermelho, de azul, verde e branco, começaram a jogar. O jogo foi muito interessante, e a pessoa ficou muito satisfeita.

Os jogadores de vermelho, de azul, verde e branco, começaram a jogar. O jogo foi muito interessante, e a pessoa ficou muito satisfeita.

Os jogadores de vermelho, de azul, verde e branco, começaram a jogar. O jogo foi muito interessante, e a pessoa ficou muito satisfeita.

Os jogadores de vermelho, de azul, verde e branco, começaram a jogar. O jogo foi muito interessante, e a pessoa ficou muito satisfeita.

Os jogadores de vermelho, de azul, verde e branco, começaram a jogar. O jogo foi muito interessante, e a pessoa ficou muito satisfeita.

Os jogadores de vermelho, de azul, verde e branco, começaram a jogar. O jogo foi muito interessante, e a pessoa ficou muito satisfeita.

Os jogadores de vermelho, de azul, verde e branco, começaram a jogar. O jogo foi muito interessante, e a pessoa ficou muito satisfeita.

Os jogadores de vermelho, de azul, verde e branco, começaram a jogar. O jogo foi muito interessante, e a pessoa ficou muito satisfeita.

Os jogadores de vermelho, de azul, verde e branco, começaram a jogar. O jogo foi muito interessante, e a pessoa ficou muito satisfeita.

— Oh Germano! Não sejas mole... Combina com o Vitorinho...

Por sua vez, o leão, não gritava menos do que o seu adversario. E dizia, a plenos pulmões:

— O' Martinho! Dá-lhe um xharro. Dá-lhe um milho. Pisalhe os calos...

— Que é que está a dizer do Vareia? Então, não vê que o homem é joric e duro?

— O' Mourinha! Dá-lhe uma marretada. Uma das tuas...

— Ve, Apolinário! Enrola-me os lírios...

A pessoa que escreve estas linhas não é da bola. Lagarto! Lagarto! Nunca, mesmo, tinha assistido a um jogo.

Informado, porém, de que se tratava duma apresentação desportiva com todas as garantias, resolveu a pessoa não deixar de observar um espectáculo que está, provavelmente, sendo assistido pela maior parte da população de Lisboa.

Então, chegou o dia da partida de futebol, e a pessoa foi a campo com as pernas a moer. Um jogador de vermelho, e outro, de azul, verde e branco. Cada um escolheu uma meta de terreno, e um canhão, e o jogo começou. Os jogadores de vermelho, de azul, verde e branco, começaram a jogar. O jogo foi muito interessante, e a pessoa ficou muito satisfeita.

Os jogadores de vermelho, de azul, verde e branco, começaram a jogar. O jogo foi muito interessante, e a pessoa ficou muito satisfeita.

Os jogadores de vermelho, de azul, verde e branco, começaram a jogar. O jogo foi muito interessante, e a pessoa ficou muito satisfeita.

Os jogadores de vermelho, de azul, verde e branco, começaram a jogar. O jogo foi muito interessante, e a pessoa ficou muito satisfeita.

Os jogadores de vermelho, de azul, verde e branco, começaram a jogar. O jogo foi muito interessante, e a pessoa ficou muito satisfeita.

Os jogadores de vermelho, de azul, verde e branco, começaram a jogar. O jogo foi muito interessante, e a pessoa ficou muito satisfeita.

Os jogadores de vermelho, de azul, verde e branco, começaram a jogar. O jogo foi muito interessante, e a pessoa ficou muito satisfeita.

Os jogadores de vermelho, de azul, verde e branco, começaram a jogar. O jogo foi muito interessante, e a pessoa ficou muito satisfeita.

Os jogadores de vermelho, de azul, verde e branco, começaram a jogar. O jogo foi muito interessante, e a pessoa ficou muito satisfeita.

Os jogadores de vermelho, de azul, verde e branco, começaram a jogar. O jogo foi muito interessante, e a pessoa ficou muito satisfeita.

Os jogadores de vermelho, de azul, verde e branco, começaram a jogar. O jogo foi muito interessante, e a pessoa ficou muito satisfeita.

Os jogadores de vermelho, de azul, verde e branco, começaram a jogar. O jogo foi muito interessante, e a pessoa ficou muito satisfeita.

Quadro sur-realista...



Os hitleristas e comunistas da bola...

Ao saber da grande prova dançante nacional, a que concorrem portugueses e estrangeiros, o Abreu Mentana não resistiu e, como já em tempos tinha ganho uma valsa a premio na Academia Desorden e Progresso, resolveu tambem concorrer ao grande campeonato de dança a realizar no Coliseu.

As condições do concurso eram duras, mas como o Mentana era mais estúpido que uma gropa de aifinças de madeira, não vacilou e concorreu ao campeonato. Homem alto, um metro e oitenta e cinco, bem formado, aquilo para ele não era nada.

O Mentana, andou oito dias a preparar-se e, quando chegou o grande dia, de ar tão contentíssimo, disposto a ganhar o grande premio, confiante queitaria classificado em primeiro lugar.

Depois, e esta é uma das grandes vantagens, o Mentana já sabia que, durante aquele tempo, tinha o compromisso com o que não poderia abandonar a qualquer custo.

O campeonato começou e os pares lá estavam todos tezísimos, entre eles um pouco, que declarou formalmente ao desistir quando se acabou a comer. Valente como pouco, cheio de boa vontade, o nosso homem disputava com calor o campeonato, levando a palma a todos os adversarios que o admiravam na pessoa complexa e coronada.

Os dias passavam. Alguns deles tinham desistido já, outros estavam prestes a desistir, fatigados, quasi sem poder andar. Só o Mentana mantinha a mesma elegancia de sempre, valente como pouco.

Os seus tres pares amigos e até as pessoas de familia o iam visitar, mas apesar das esplendidas cores com que ele estava da sua optima disposição, não lhe explicavam qualquer coisa que não soubem explicar. O Mentana, apesar de tudo, tinha qualquer coisa que a primeira vista não se notava, mas que o modificava profundamente.

As peripecias da dança prosseguiam. Ora desistiam mais dançarinos, ora era o par numero tantos que dedicava um charleston ao sr. Tal, que depois tinha que esportular uns tantos e-cudos, emfim, qualquer coisa. E de dia para dia, toda a gente notava que o Mentana se modificava, sem no entanto se poder dizer em que sentido se operava essa modificação.

Até que um dia, ao fim de alguns meses, o campeonato acabou. E, é claro, o nosso Abreu Mentana recolheu a casa, com a tal diferença que nele se operara, mas que ninguém, incluindo ele proprio, podia explicar qual era.

Mãe, finalmente, alguém, um parente proximo, depois de um aturado exame ao Mentana, teve a ideia genial de o mandar medir e, perante o espanto de toda a gente, o Mentana, que media um metro e oitenta e cinco, no momento da medição acusou apenas um metro e setenta e três.

Tinha-se gasto com tanto dançar...

MANOEL DUQUE.

Quereis dinheiro?

Jogai no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes



— Ha dois dias que não como!
— Mas está com boa cara...
— Ah! Isso é do que me têm dado a beber — por esmola...

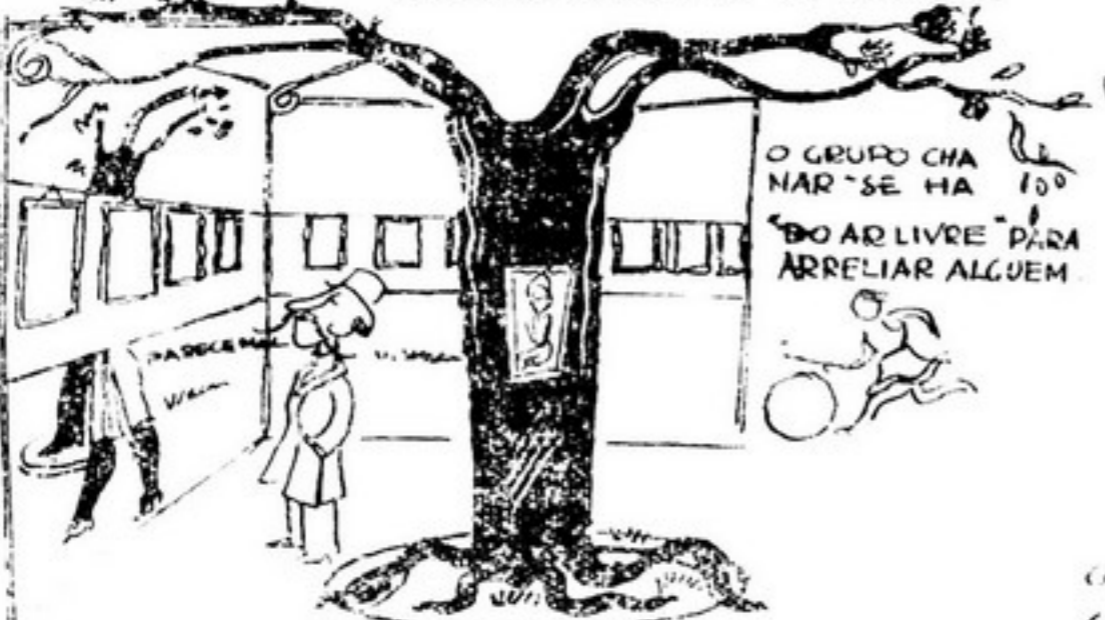
ECOS DA SEMANA

REALMENTE NÃO FALTA NADA NO BAILE DE RESISTENCIA: HA COMIDA, FORMIDA MEDICO E ATÉ CANGALHEIRO E... COVÕES.

PARABENS! VAMOS EMFIM FAZER-NOS OUVIR PELO MUNDO, PELA LUA PELAS ESTRELAS... PELAS COLONIAS E QUE AINDA SE NÃO SABE QUANDO.



RECEBO ADESOES PARA JMA PROXIMA EXPOSTICAO SOB O CEDRO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO, EM VIRTUDE DA CRISE DE GALÕES E DE MASSA.



O GRUPO CHA NAR-SE HA 100 ANOS DO AR LIVRE PARA ARRELIAR ALGUEM.

MUITOS SUORES TEM SUADO O SOARES... MAS EMFIM JA VAI NA II VOLTA E TALVEZ CHEGUE A META E META METADE NA ALGIBEIRA.



COMEÇARAM A GER ADAPTADOS A TOXEIROS DE PRATA OS CANDIEIROS DA AVENIDA DA LIBERDADE.

CONTINUAM MUITO GENTIS OS CHINAS E JAPONEZES, TROCANDO A MIUDE INOCENTES RAMINHOS. BREVEMENTE COMEÇARÁ A PAZ OUTRA VEZ.



O MARQUEZ PASSARÁ A SER UM GRANDE SANTO ANTONIO OU O INACIO DE LOYOLA.

VIVA O BOM GOSTO!!!!

VAI SER INAUGURADO, TAMBEM UM TUBO PNEUMATICO NO CASTELO DE S. JORGE. MAS ESTE É PARA ATRAIR AS BALAS DAS REVOLUCOES.

AINDA NÃO FOI DESTA... NEM PARA BAIXO... NEM PARA CIMA...

